

O itinerário do discípulo de Jesus Cristo à luz da perícopo - *Os dois discípulos de Emaús* (Lc 24, 13-35)

The itinerary of the disciple of Jesus Christ in the light - *The pericope the two disciples at Emmaus* (Lk 24, 13-35)

**Clodoaldo da Luz*

Resumo

No presente artigo, através de uma análise teológica pastoral, será elucidado o itinerário da caminhada pascal que o Senhor Ressuscitado faz com os dois discípulos de Emaús, conforme traz Lucas em sua perícopo Lc 24, 13-35. Nesse itinerário, disposto pela narrativa lucana, os dois discípulos de Emaús, tendo a companhia de Jesus, o Cristo Ressuscitado, escutam a exortação do Mestre, recebem, das mãos do Cristo Senhor, o Pão partilhado e têm o coração aberto para assumir, com ardor e alegria, a missão de anunciar que Jesus, morto na carne, não fora vencido pela cruz e nem pela morte, pois Ele ressuscitou e vive, caminhando junto com a comunidade. Assim, será evidenciado que o Cristo, ao se fazer companheiro de viagem, explica a Escritura, reparte o Pão e abraça os corações dos discípulos de Emaús, e de todo o cristão, para a missão.

Palavras-chave:

Ressuscitado; Palavra; Pão
Repartido; Missão

Abstract

In this article, through a pastoral theological analysis, the itinerary of the paschal journey that the Risen Lord makes with the two disciples of Emmaus will be elucidated, as Luke brings in his pericope Lk 24, 13-35. In this itinerary, set out in the Lucan narrative, the two disciples of Emmaus, in the company of Jesus, the Risen Christ, listen to the Master's exhortation, receive, from the hands of Christ the Lord, the shared Bread and have an open heart to recognize, with ardor and joy, the mission of announcing that Jesus, dead in the flesh, did not conquer by the cross or by death, because He is risen and lives, walks together with the community. Thus, it will be evident that Christ, by making himself a traveling companion, explains the Scriptures, breaks the Bread and kindles the hearts of the disciples of Emmaus, and of every Christian, for the mission.

Keywords: Resurrected;

Word; Sliced Bread;
Mission

*Mestrado em Filosofia pela
Universidade Federal do Paraná.
Contato:
clodoaldoluz@outlook.com

Texto enviado em
30.06.2022
Aprovado em
23.12.2022

Introdução

A difusão da Palavra se dá pelo testemunho de homens e mulheres que, ao aderirem à proposta de amor, justiça, misericórdia e salvação do Cristo Senhor, anunciam-No, na força do Espírito, em todas as dimensões da vida humana.

Ao assumir plenamente, apesar dos percalços e vicissitudes, a missão de comunicar o desígnio de Jesus Cristo, configurando sua vida à vontade divina, transfiguram-se em cristãos. Semelhante conversão só é possível através do encontro transformador com o Ressuscitado.

O episódio dos discípulos de Emaús, narrado pelo evangelista Lucas, é lapidar para mostrar o necessário encontro com o Cristo Senhor, por meio do qual há a conversão em cristãos, discípulos missionários. Tal caminhada pascal é, outrossim, realizada pelos dois discípulos de Emaús.

Assim, para compreender que semelhante itinerário é salutar e necessário a todo cristão, será delineado que, a partir desse encontro transfigurador com o Ressuscitado, a Palavra, e o partir do Pão, exortada e realizada pelo Cristo, o cristão é chamado a assumir, com a própria vida, a missão de anunciar a Jesus Cristo.

1. Análise teológica pastoral do excerto - Os dois discípulos de Emaús (Lc 24, 13-45)

1.1 Na caminhada de fé Jesus se faz presente (Lc 24, 13 - 24)

O evangelho de Lucas é destinado aos cristãos de cultura grega e que pertenciam à terceira geração do Cristianismo, ou seja, não tiveram um contato visual de Jesus como os apóstolos e os discípulos. Devido a essa realidade as comunidades lucanas faziam a seguinte indagação: “Onde está Jesus Ressuscitado?” (STORNILO, 1992, p. 211).

Para solucionar tal questão, Lucas escreve a perícope *Os dois discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35)*, apresentando Jesus, que se põem a caminhar com eles:

E eis que no mesmo dia dois deles viajavam nesse mesmo dia para um povoado chamado Emaús, a sessenta estádios de Jerusalém; e conversavam sobre todos esses acontecimentos. Ora, enquanto conversavam e discutiam entre si, o próprio Jesus aproximou-se e se pôs a caminhar com eles (Lc 24,13-15).

A narração lucana se inicia apresentando os dois discípulos, os quais não pertencem “ao grupo dos ‘Onze’ apóstolos, mas ao grupo de ‘os Onze e seus companheiros” (BARREIRO, 2001, p. 23), que caminham no mesmo dia¹ a Emaús.

A localização da cidade evangélica, para a qual caminhavam os discípulos, segundo estudiosos, “é a aldeia árabe de *El-Qubeybeh*” (BOCCALI; LANCELOTI, 1983, p. 230), encontrada pelos cruzados, que fica a 12 quilômetros de Jerusalém, cerca de 64 estádios.

Durante a caminhada, para Emaús, os fatos transcorridos na Paixão e Morte de Jesus continuavam muito fortes na memória e no coração dos discípulos. Por isso, apesar de estarem caminhando rumo a um determinado local, os discípulos, ao saírem de Jerusalém, crendo piamente na derrota do Senhor, caminhavam a esmo.

Subitamente, Jesus se põe a caminhar com eles, a fim de ser a companhia acalentadora diante da angústia causada pela sua morte e a resposta às inquietações causadas pela incompreensão da sua Paixão.

A angústia dos discípulos era tamanha que a lembrança dos fatos cruéis não lhes saía do coração, a ponto de não reconhecerem o Mestre que caminha com eles. Para exprimir tal sentimento dos discípulos, diante da Paixão de Jesus, Lucas utiliza os verbos *διάλογος*, *συζητήσω* e *διαψεύδω* (Cf. DOBSON, 1994):

o primeiro usado duas vezes (VV.14 e 15), ‘significa conversar’, ‘dialogar’. O segundo mostra que o diálogo não é pacífico; não conseguem encontrar uma explicação para ‘o que aconteceu com Jesus’. O terceiro é o mais revelador da confusão interior em que se encontram os discípulos (v.17). Literalmente, significa devolver o golpe responder a um argumento com outro contrário; é justamente isso que fazem os discípulos no caminho que os afasta de Jerusalém e do grupo dos Onze (BARREIRO, 2001, p. 25).

A incompreensão dos acontecimentos fazia com que os discípulos estives-

1. Lucas condensa no primeiro dia da semana o episódio do sepulcro vazio visto pelas mulheres, a descrença dos apóstolos no testemunho das mulheres, a caminhada dos discípulos de Jerusalém a Emaús e o retorno a Jerusalém; bem como a Aparição de Jesus aos apóstolos e a sua Ascensão. Semelhante recurso de reunir os fatos em um mesmo bloco é um “critério literário da unidade de tempo e lugar próprio da arte dramática antiga” (BOCCALI; LANCELOTI, 1983, p. 230).

sem como que de olhos vendados, incapazes de compreender² tudo que ocorrerá, pois, “seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo” (Lc 24,16). Demonstrando, assim, a falta de fé e a impossibilidade de crer em Jesus e nas profecias ditas por Ele sobre sua Ressurreição.

Percebendo a vacilação dos discípulos, Jesus não interrompe o assunto e se interessa pela conversa, buscando se inserir no contexto dos discípulos questionando-os: “Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando?” (Lc 24,17a).

A iniciativa de Jesus, que para eles era um simples peregrino, de questionar-lhes sobre o assunto discutido, durante a caminhada, fez com que saíssem de seu fechamento e abrissem o seu coração, demonstrando a tristeza e a incredulidade que os assolavam, a ponto de se expressarem não verbalmente: “eles pararam com o rosto sombrio” (Lc 24,17b).

A face de ambos estava obscura por verem a morte do Mestre como o fracasso de todas as suas esperanças e seus sonhos, pois os dois discípulos de Emaús ainda não acreditavam na ressurreição, tendo “como que um véu sobre o coração” (BOCCALI; LANCELLOTTI, 1983, p. 232).

Um dos dois discípulos, chamado Cléofas³, indignado pela desinformação demonstrada pelo peregrino, questiona-o: “Tu és o único forasteiro em Jerusalém que ignora os fatos que nela aconteceram nestes dias?” (Lc 24,18). Pois a morte do Mestre lhes feria tanto o coração que os dois discípulos ficaram impressionados, ao constatar alguém que não sabia do transcorrido com Jesus⁴.

Não tinham percebido, ainda, que o transeunte, companheiro na caminha-

2. No Evangelho de Lucas, Jesus ao mencionar o segundo anúncio da Paixão: “disse aos discípulos: ‘Quanto a vós, abri bem os ouvidos às seguintes palavras: o Filho do Homem vai ser entregue às mãos dos homens’. Eles porém não compreendiam tal palavra, era-lhes velada a palavra para que não a entendessem” (Lc 9,45); e no terceiro anúncio da Paixão disse: “Tomando consigo os Doze, disse-lhes: ‘Eis que estamos subindo a Jerusalém e vai cumprir-se tudo o que foi escrito pelos Profetas a respeito do Filho do Homem. De fato, ele será entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado, coberto de escarros; depois de açoitá-lo, eles o matarão. E no terceiro dia ressuscitará’. Mas eles não entenderam nada. Essa palavra era obscura para eles e não compreendiam o que ele dizia” (Lc 18,34).

3. A personagem Cléofas citada é uma pessoa muito conhecida na Igreja primitiva, porque era irmão de José, o pai legal do Senhor (Cf. ARMELINI, 2005, p. 141). Já o outro discípulo seria cada um, convidado a percorrer o itinerário de fé, a fim de reconhecer a Cristo Ressuscitado.

4. Os discípulos pensavam que do mesmo que eles subiram a Jerusalém, “junto com o Mestre, para a peregrinação pascal” (BOCCALI; LANCELLOTTI, 1983, p. 231), o viandante desconhecido tivesse ido a Jerusalém com o mesmo objetivo.

da, é seu Mestre, agora Ressuscitado, o Qual caminha com eles para extirpar a incredulidade, levando aos seus corações a certeza de sua Ressurreição.

Para tal intento, Jesus incentiva-os a discorrerem a sua versão e o seu conhecimento acerca dos fatos transcorridos, perguntando-lhes: “Quais?” (Lc 24,19a). Desta pergunta simples, mas tão profunda, os discípulos puderam transmitir, resumidamente, a história de seu Mestre: “Responderam: ‘O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obra e palavra, diante de Deus e de todo o povo: nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram” (Lc 24,19b-20).

Os discípulos fazem um esboço quase fidedigno do perfil de Jesus⁵ “como fora compreendido também pelos seus mais íntimos...um profeta como algum dos profetas ou como o próprio Moisés, poderoso em obras e em palavras, como tal manifestado por Deus e reconhecido pelos homens” (BOCCALI; LANCELOTTI, 1983, p. 231).

A síntese apresentada por eles peca ao se deter na morte e não vislumbrar a Ressurreição de Jesus. Isto fica expresso quando afirmam: “Nós esperávamos que fosse ele quem iria redimir Israel; mas, com tudo isso, faz três dias todas essas coisas aconteceram!” (Lc 24,21).

Além disso, é patente que os discípulos comungavam a ideia do Messias triunfante, que viria libertar Israel de seus opressores. No entanto, esta “esperança do Israel da ‘carne’ que Cristo não realizou” (BOCCALI; LANCELOTTI, 1983, p. 231). De certa forma, eles creram na missão divina de Jesus de restauração, contudo, não da forma que Jesus anunciava: do Messias que sofreria para remir o pecado do homem, reconciliando-o com Deus. Por isso, tão abalados não concederam crédito ao testemunho das mulheres:

É verdade que algumas mulheres, que são dos nossos, nos assustaram. Tendo ido muito cedo ao túmulo e não tendo encontrado o corpo, voltaram dizendo que tinham tido uma visão de anjos a declararem que ele está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coi-

5. A resposta dos discípulos consiste na síntese do querigma cristão, porém sem o dado da Ressurreição, proclamado por Pedro no dia de Pentecostes: “Homens de Israel, ouvi estas palavras! Jesus, o Nazareu, foi por Deus aprovado diante de vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus operou por meio dele entre vós, como bem o sabeis. Este homem, entregue segundo o desígnio determinado e a presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o pela mão dos ímpios. Mas Deus o ressuscitou, libertando-o da angústia dos Hades, pois não era possível que ele fora retido em seu poder” (At 2,22-24).

sas tais como as mulheres haviam dito; mas não o viram! (Lc 24,21-24).

Nem mesmo o relato das mulheres reavivou a esperança no coração dos discípulos. Pelo contrário, ficaram ainda mais perturbados, pois para eles o fato de não avistarem o corpo do Senhor desqualifica todos os sinais⁶ da Ressurreição de Jesus proclamados pelas mulheres. Abandonam a comunidade “preferiram viajar sozinhos não verificaram se a experiência que as mulheres tiveram poderia ou não ser esclarecedora” (ARMELINI, 2005, p. 142).

Aliás, os dois discípulos não estavam abertos às novidades de Deus, concebiam o messianismo de Jesus de maneira puramente humana, porque nutriam em seu coração o ideal de um Messias triunfante, aos olhos humanos. Porém, segundo sua concepção, viram, nos eventos transcorridos, apenas um derrotado⁷.

1.2. Jesus é a plena manifestação da Palavra de Deus (Lc 24, 25 – 27)

O descrédito dos discípulos, para com o testemunho das mulheres e a imaturidade de ambos em relação ao conhecimento de Jesus, faz com que Ele os repreenda: “Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram!” (Lc 24,25).

A partir deste momento a caminhada se torna um reaprendizado acerca da missão de Jesus e um convite para abrir o coração e os olhos, não só os físicos, mas, sobretudo os olhos da fé, a fim de realmente conhecer a Jesus.

Pois, embora tenham convivido e sido instruídos por Jesus, não o conheciam verdadeiramente, apenas ficaram impressionados pelo seu ensinamento, obras e palavras, todavia, não o viam como realizador das promessas messiânicas anunciadas pelos profetas. Apenas tinham captado intelectualmente os ensinamentos do Mestre, por isso não conseguiam interpretar a sua Paixão-Morte de Jesus e nem crer em sua Ressurreição, por não olharem “com o olhar de Deus” (ARMELINI, 2005, p. 143). Ao ficarem, portanto, fixados no escândalo e na derrota da cruz, não compreendiam a ação de salvação operada por Deus, em Jesus, já preconizada nas profecias messiânicas. Diante disso, Jesus lhes cha-

6. O testemunho das mulheres, o túmulo vazio e a mensagem do anjo, bem como a aparição aos discípulos e aos Onze são as provas da Ressurreição apontadas por Lucas no seu evangelho.

7. Para os discípulos se realmente Jesus fosse o Messias libertador que as profecias anunciavam, Deus iria “vingá-lo no mesmo dia” (STORNILO, 1992, p. 212).

ma a atenção: “Não era preciso que o Cristo sofresse⁸ tudo isso e entrasse⁹ em sua glória?” (Lc 24,26).

Ao questionar-lhes sobre isso, Jesus, deveras, estão interpretando e atualizando para os discípulos a figura do *Servo sofredor*, profetizada pelo Dêutero-Isaías¹⁰, nos *cânticos do Servo sofredor*¹¹. Para interligar a sua Paixão e Glória, decerto, Jesus deve ter revisitado, sobretudo, o *quarto canto do Servo*, no qual o profeta narra sobre a Paixão e a Glória do *Servo sofredor*. Eis um excerto da referida passagem bíblica sobre a Paixão do *Servo sofredor*: “Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro conduzido ao matadouro; como uma ovelha que permaneceu muda na presença dos seus tosquiadores ele não abriu a boca” (Is 53, 7). Agora, um fragmento referente a sua Glória: “Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões; com os fortes repartirá os despojos, visto que entregou a sua alma à morte e foi contado com os transgressores, mas na verdade levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores fez intercessão” (Is 53, 12).

O Cristo, ao iluminar o evento da sua Paixão, sob a ótica da narração isaiana do Dêutero-Isaías, liga o seu messianismo ao sofrimento do Servo, pois ambos

8. A concepção de que o Messias encarnaria a figura do Servo sofredor, “não fazia parte das esperanças messiânica em voga no tempo de Jesus” (BARREIRO, 2001, p. 42).

9. Segundo Barreiro o verbo entrar utilizado por Lucas está conjugado no pretérito imperfeito, édei no grego, para expressar que Jesus Ressuscitado, companheiro de viagem dos discípulos de Emaús “já entrou na sua glória” (BARREIRO, 2001, p. 42).

10. O autor dos capítulos 40-55 de Isaías (designado de Dêutero-Isaías) é um profeta anônimo do cativeiro que profetizou no século VI a. C. Os referidos capítulos formam uma unidade que tem como pano de fundo histórico o período imediatamente anterior e posterior à vitória de Ciro sobre Nabônides da Babilônia (539 a. C.). Uma certeza sobre o redator dos capítulos 40-55 de Isaías é que ele pertenceu à escola de Isaías, encontrando a sua inspiração na obra do seu mestre do século VIII a. C. Entre Isaías e o Dêutero-Isaías existe semelhanças. Aliás, nota-se que Is 1-39 possui uma proporção considerável de material posterior, parte do qual muito posterior ao Dêutero-Isaías. Com efeito, pode-se conceber a existência de uma escola isaiana de pensamento e ver no Dêutero-Isaías o expoente máximo dessa escola (Cf. HARRINGTON, 1985, p. 297).

11. O livro do Dêutero-Isaías apresenta os Cânticos do Servo sofredor em 4 passagens: (Is 42,1-9;49,1-7;50,4-11;52,13—53,12). O Servo é um personagem misterioso que foi escolhido por Iahweh e pleno de seu Espírito (42,1) e que desempenha um papel ao mesmo tempo nacional e universalista. Por um lado, conquanto pareça inseparável do Israel de cujo nome é portador do Resto ‘em quem Deus será glorificado’ (Is 49,3), ele deve reconduzir Jacó (Is 42,6), reunir (Is 49, 5s) e ensinar (Is 50, 4-9) Israel. Por outro lado, ele deve ser a luz das nações. Paciente (Is 50,6) e humilde (Is 53,7) realizará, pelos seus sofrimentos e sua morte, o plano de Iahweh: a justificação dos pecadores de todas as nações (Is 52, 8.11s). Embora a identificação do Servo Sofredor é, e sem dúvida continuará a ser, um problema amplamente discutido, quase todos os exegetas acham que se trata de uma figura messiânica. Ninguém que reconhece a unidade dos dois Testamentos e aceita o papel messiânico de Jesus pode duvidar disso por um momento (Cf. HARRINGTON, 1985, p. 299-300).

não rechaçam veemente a acusação recebida. Pelo contrário, assumem corajosa e obedientemente a missão de ser a vítima perfeita de expiação. Com efeito, Jesus, ao dar sua vida na condição de oferenda sem mancha para a remissão dos pecados, reveste-se de sua Glória. Evidenciando, deste modo, que o seu messianismo não é beligerante, mas sim de amor.

Destarte, Jesus, fazendo uma hermenêutica da sua Paixão à luz dos *Cânticos do Servo sofredor*, retira dos discípulos a pedra de escândalo em que eles tropeçam (a incompreensão da sua Paixão e Morte), corrigindo o falso messianismo que comungava os discípulos, “fazendo-lhes compreender que o desígnio salvífico do Pai deveria ser realizado não mediante a manifestação espetacular do poder de Deus, mas pela fidelidade e entrega do Messias até a morte” (BARREIRO, 2001, p. 41).

Adversamente a um pensamento bélico e altivo presente na concepção humana dos discípulos, Jesus, ao assumir a condição do Servo sofredor, de modo pacífico, amoroso, obediente, simples e redentor, revela-se o Cristo de Deus. Destarte, vivendo a dor mais excruciante da natureza humana - a morte em sua carne -, Jesus adentra na sua glória e é honrado por Deus na condição de Cristo e Senhor.

Revelando a eles o verdadeiro sentido do seu padecimento, Jesus leva-os a compreender todos os eventos da Paixão-Morte, os quais constituem a inexplícável vitória de Deus sobre as injustiças e sobre o pecado, pois a cruz se torna agora com a sua Ressurreição “o caminho para a mais plena realização da justiça do amor de Deus” (BARREIRO, 2001, p. 43).

Para acentuar essa certeza aos discípulos, Jesus retoma todo o Antigo Testamento, ligando-o a sua Pessoa: “E, começando por Moisés, e por todos os Profetas, interpretou lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito” (Lc 24,27).

Com efeito,

Jesus apresenta o primeiro instrumento que suscita a fé na ressurreição: a Bíblia: ‘Começando por Moisés e continuando pelos profetas, explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam dele (v 27)’. Moisés e os Profetas significam todo o Antigo Testamento. Jesus é a chave de leitura de todo o Antigo Testamento. Mostra-lhes, a partir do Antigo Testamento, que o projeto do Pai tomou forma definitiva no Messias sofredor (BORTOLINI, 2007, p. 100).

A explanação de Jesus sobre o que Escritura dizia a seu respeito indica que o Antigo Testamento é a preparação para a sua vinda, por tender, por vontade divina, ao advento da era messiânica e ao Novo Testamento, pois somente a partir de Cristo é que o Antigo Testamento é desvelado.

Com tais palavras, o Mestre Ihes mostra o real “sentido de sua paixão, crucificação e morte” (BARREIRO, 2001, p. 35), partindo do que para eles, na condição de judeus, deveria ser familiar: a Escritura.

Aliás, a estrada que o Ressuscitado Ihes abre para percorrer é a da Escritura. É a Palavra de Deus que desvenda o mistério, que Ihes fazem sair do abalo causado pelo escândalo da cruz¹² e reacender a fé, através de uma nova intelecção da Escritura.

1.3. O partir do Pão dissipa a cegueira espiritual (Lc 24, 28-32)

A luz da Palavra, revelada pelo Ressuscitado, derretia o gelo do coração dos discípulos, abria os seus olhos e dissipava as suas incertezas e a dureza de seus corações, aumentando a afetuosidade dos discípulos, que já não veem o peregrino como um estranho, pois o vendo tomar uma direção diferente da deles, num certo ponto da caminhada, realizam um gesto cortês para com Ele: “Aproximando-se do povoado para onde iam, Jesus simulou que ia mais adiante. Eles, porém, insistiram, dizendo: ‘Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina’” (Lc 24,28-29a).

A intervenção de Cristo, ao explicar as Escrituras, iniciando por Moisés e perpassando pelos profetas, restaurou o combalido coração dos discípulos, tirando-os da tristeza e da solidão, e suscitando neles o afã de estar com Ele.

Relatando a insistência dos discípulos para que o peregrino, permanece-se com eles, Lucas realça o desejo de Jesus de permanecer com eles, pois Ele “encontrou então para ficar com eles” (Lc 24,29b); assim, o Ressuscitado deseja estar com os seus, através da “Escritura que fala dele, com sua aparência de peregrino, com a visão pascal, com o amor nos corações deles, com a fé” (BOCCALI; LANCELOTI, 1983, p. 233).

12. Lucas, ao enfatizar a interpretação da Escritura por Jesus, quer sanar as dúvidas da comunidade cristã de seu tempo acerca do escândalo decorrente da condenação à morte e crucificação de Jesus, delineando que “o profeta de Nazaré não foi mais um falso messias, mais um profeta assassinado, mais um inocente condenado. Sua morte revela, pelo contrário, a vinculação paradoxal, mas ‘necessária’, entre paixão e glória do Messias” (BARREIRO, 2001, p. 44).

Ao adentrar na casa deles, Jesus “tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e distribuiu-o a eles” (Lc 24,30); ou seja, o Cristo Senhor realizou os mesmos gestos que fizera na ceia eucarística¹³. Esses atos feitos pelo peregrino “são gestos habituais a Jesus e a toda Igreja apostólica que os emprega para atualizar a presença a presença de seu Mestre entre os fiéis” (BOCCALI; LANCELLOTTI, 1983, p. 233). Com efeito, o Ressuscitado efetua um ato anamnético pelo qual os discípulos reconhecerem-no: “Então seus olhos se abriram¹⁴ e o reconheceram” (Lc 24,31a).

Somente assim os discípulos puderam finalmente reconhecer o Mestre, isto porque, nem pelo tom da voz, nem pelo conteúdo do diálogo, ao longo do caminho, eles o reconheceram, senão pelo gesto/sinal de partir e repartir o pão (Cf. BARREIRO, 2001, p. 54).

Esse gesto para Lucas da fração do pão é o sinal mais contundente para reconhecer o Ressuscitado; o qual após proporcionar a experiência pascal aos discípulos, escancarando-lhes os seus olhos da fé, desaparece fisicamente da presença deles: “Ele, porém ficou invisível diante deles” (Lc 24, 13b).

A conversão ocorrida nos discípulos pela escuta da Palavra e pela partilha do Pão, realizadas por Jesus, acarretou a recriação deles, a ponto de mesmo

a súbita desaparecimento do Ressuscitado, depois de reconhecido, não causou nos discípulos uma nova decepção nem um novo fechamento, mas atitudes e comportamentos contrários: passaram da mais profunda tristeza e da mais radical decepção para uma alegria e um entusiasmo nunca antes experimentados (BARREIRO, 2001, p. 70).

Pois ao pressentirem que Jesus, apesar de não mais visivelmente, aos olhos carnis, estar com eles, o Ressuscitado, na fé e realmente, permanece em seus corações, fazendo brotar neles a certeza de que fizeram um itinerário de fé com o próprio Mestre: “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava Escrituras?” (Lc 24, 32b).

Tal expressão, que expõem o vigoroso fulgor do coração dos discípulos, descrita por Lucas, é uma expressão “habitual na linguagem bíblica para expri-

13. “E tomou o pão, deu graças, partiu e distribuiu-o a eles, dizendo. ‘Isto é o meu corpo que será dado por vós. Fazei isto em minha memória” (Lc 22,19).

14. Ao redigir a ação dos discípulos na voz passiva, Lucas atribui o ato do reconhecimento de Jesus a Deus, pois o “sujeito da ação é Deus, que foi Deus quem abriu os olhos dos discípulos” (BARREIRO, 2001, p. 53).

mir forte paixão, como ódio, ira, sede de vingança ou um grande tormento íntimo, aqui deve ser tomada no sentido grego de ‘amor” (BOCCALI; LANCELLOTTI, 1983, p. 233).

Desabrochando e reavivando o amor no coração deles, Jesus transforma radicalmente a vida deles, fazendo-os compreender que os acontecimentos transcorridos em Jerusalém, com o seu Mestre, não culminam na cruz, a qual era sinal de derrota, senão na vitória da ressurreição do Cristo, porque Jesus está vivo, ressuscitou e caminhou com eles explicando a Escritura.

Perante isso, a caminhada dos discípulos que, desolados pelo falecimento de suas esperanças e anseios devido à morte de seu Mestre, ao invés de ser um itinerário pesaroso, norteadado pelo fracasso, torna-se

um episódio pascal que visa demonstrar que Jesus está realmente vivo, ressuscitado da morte. Após essa experiência com Cristo ressuscitado eles se tornam testemunhas da vitória de Jesus sobre o fato. Jesus desaparece, embora permanecendo no pão partido e na chama do amor em seus corações (BOCCALI; LANCELLOTTI, 1983, p. 233).

Semelhante chama acesa, pela experiência com o Ressuscitado, alça-os a reatar a comunhão com a comunidade, da qual partiram com o desejo de romper os laços que ligara suas vidas com a de Jesus e a da comunidade.

1.4. A experiência do encontro com Cristo Jesus leva à missão (Lc 24, 33-35)

A tristeza, estampada nos rostos dos discípulos no início da caminhada de Jerusalém a Emaús, converte-se numa imensa alegria, a qual os impulsiona à coragem de enfrentar os perigos da noite e ao ardor missionário para retornar à Jerusalém, a fim de encontrar e relatar aos Onze e seus companheiros a experiência que acabaram de fazer: “Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém. Acharam aí reunidos os Onze e seus companheiros” (Lc 24,33).

Lucas, ao narrar o retorno imediato dos discípulos para Jerusalém de onde saíram pesarosos, demonstra que, após a radical e imediata mudança no comportamento e na vida, o itinerário de fé, com o Ressuscitado, desperta neles a necessidade de retornar à comunidade, com o intuito de partilhar o maravilhoso encontro que tiveram com o Mestre, a ponto de

sem pensar no cansaço e nem na distância do caminho, sem temer a escuridão nem os perigos da noite, os dois discípulos empreendem juntos

o caminho de volta para Jerusalém para anunciar aos outros aos outros discípulos que o Senhor tinha ressuscitado e que eles o tinham visto com seus próprios olhos (BARREIRO, 2001, p. 56).

A coragem de partir para Jerusalém sem medir os perigos, desconsiderando o fato da periculosidade de caminhar à noite, surge da motivação do novo olhar, da luz no horizonte, que é o próprio Cristo Ressuscitado, pois apesar de estarem caminhando de dia quando fazem o trajeto de Jerusalém a Emaús, havia uma densa treva no coração dos discípulos; mas, agora, com a certeza da Ressurreição do Mestre, a noite se torna mais clara que o dia pelo pulsar resplandecente do coração e porque

para quem fez a experiência do encontro com o Ressuscitado não existe mais medo, não existe mais obstáculos como cansaço, escuridão, perigos de assaltos e agressões, portas fechadas, etc., que impeçam de empreender os caminhos do anúncio do Evangelho, da comunhão e da missão (BARREIRO, 2001, p. 58).

De nada adiantaria aos discípulos reconhecer o Mestre ao partir e repartir o pão e ficar com essa alegria somente com eles, porque a experiência de reconhecer Jesus implica, para eles, o retorno à comunidade, com o testemunho que Jesus está vivo. Cientes disso “voltam a Jerusalém para anunciar aos irmãos a boa nova: Jesus está vivo” (ARMELENI, 2005, p. 139).

É esta alegria, alimentada pela certeza da Ressurreição de Jesus, que os encoraja a voltar a Jerusalém, pois se antes abandonam a comunidade desconsolados pelo fim de seus anseios, agora voltam para a mesma comunidade, robustecidos pela fé no Cristo Ressuscitado.

Desta forma, os dois discípulos que

iniciam sua viagem na tristeza e na recordação de um defunto, terminam com a visão do Cristo ressuscitado, e, tomados como pela alegria da descoberta e pela pressa, na mesma hora se levantam e voltam para junto dos discípulos, a fim de anunciar-lhes a ressurreição do Senhor (BOCCALI; LANCELOTI, 1983, p. 19).

Retornando à Jerusalém, donde saíram desiludidos, mas voltando para lá com as esperanças renovadas, os discípulos realizam uma caminhada missionária encarnada na comunidade, a qual corrobora a notícia da Ressurreição do Senhor: “É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão” (Lc 24,34).

O testemunho dos discípulos acerca da vitória do Mestre sobre a morte é fundado na

tradição apostólica da Igreja, representado por Pedro. De fato, no fim do relato lucano da aparição do Ressuscitado aos dois discípulos de Emaús, o testemunho dos dois é incorporado ao testemunho de Pedro e dos outros apóstolos; em outras palavras, é incorporado ao testemunho da Igreja apostólica (BARREIRO, 2001, p. 58-59).

Aliás, a assertiva da aparição de Jesus Ressuscitado, primeiramente a Pedro, corrobora o primado de Pedro na condição de primeira testemunha da Ressurreição de Jesus, conforme explicita a profissão de fé provinda da tradição nascida na comunidade de Jerusalém. Com efeito, a aparição de Jesus Ressuscitado, em primeiro lugar a Pedro, já era parte do querigma eclesial trinta anos antes da redação do terceiro Evangelho (Cf. BARREIRO, 2001, p. 59).

Para os discípulos a caminhada com o Mestre Ressuscitado é tão viva e forte que, apesar de ter sido reconfirmada a sua constatação de que Jesus Ressuscitou, eles “narraram os acontecimentos do caminho e como o haviam reconhecido na fração do pão” (Lc 24, 35b).

Demonstrando semelhante afã dos discípulos de relatarem a experiência com o Ressuscitado, Lucas indica que o autêntico discípulo de Jesus é todo aquele que transmite a experiência pessoal que fez com Cristo Ressuscitado, somente possível pela escuta atenta da Palavra e pelo repartir do Pão com o irmão, regressando, assim, à comunidade, não do mesmo modo, mas sim com renovada fé e ardor. Ardor este despertado, conforme relata Lucas, pela escuta da Palavra e pela fração do Pão, pois os discípulos narram que reconheceram o Mestre na fração do Pão.

Tal narração, dos discípulos de Emaús, não consiste no rito judaico pelo qual se inicia as refeições, mas sim na celebração eucarística dos cristãos, porque

os destinatários do Evangelho de Lucas eram cristãos de cultura grega que não conheciam o rito judaico da ‘fração do pão’; conheciam, porém, a Eucaristia, que já era celebrada nas comunidades cristãs quarenta anos antes de ser escrito o Evangelho. Para os destinatários do Evangelho, portanto, a expressão ‘fração do pão’ só podia significar a Eucaristia. Em várias passagens dos Atos dos Apóstolos, Lucas diz que os cristãos se reuniam no fim do primeiro dia da semana, isto é, no fim da Ressurreição, para a ‘fração do pão’, para ‘romper o pão’. O

evangelista descreve a refeição com os dois discípulos atribuindo ao Ressuscitado palavras e gestos semelhantes aos que são usados nos relatos da instituição da Eucaristia (BARREIRO, 2001, p. 54).

A narrativa de Emaús, desembocando no anúncio missionário dos discípulos, após o itinerário de fé trilhado por eles com a presença do próprio Cristo Ressuscitado, mostra o modelo de caminho para ser discípulo de Jesus, sendo o testemunho dos discípulos o prolongamento da vitória da missão de Jesus, o qual caminha juntamente com o seus, transformando-os e os restaurando, pois os discípulos

ao saírem de Jerusalém o assunto da conversa era o que tinha acontecido com Jesus...ao voltarem, conversam sobre o que tinha acontecido com eles no encontro com Jesus...no início, estão tristes, sem esperança e com medo do futuro; não se entendem e discutem entre si e sem conseguir chegar a um acordo...Depois do encontro com o Senhor, partilham a mesma experiência e estão ansiosos por partilhá-la com os outros discípulos. Invadidos por uma alegria imensa...O caminho de volta, não o fazem arrastando os pés e cabisbaixos, como tinham feito o caminho de ida, mas correndo, com os olhos iluminados e o coração ardendo no meio da noite (BARREIRO, 2001, p. 56-57).

Assim, a narração dos Discípulos de Emaús descreve o itinerário de fé que eles fizeram e que teve como consequência a conversão de ambos, na qual houve

a 'passagem' do abandono da comunidade para o retorno à comunidade, do afastamento para a aproximação, do isolamento para a comunhão; a 'passagem' do lamento para o agradecimento, da tristeza para a alegria, do fechamento para partilha; a 'passagem' do desânimo para o entusiasmo, da lentidão para a prontidão; em resumo, a 'passagem' do coração vazio e duro para o coração transbordante e abrasado (BARREIRO, 2001, p. 16).

Esse coração ardoroso pela missão de anunciar a Ressurreição de Jesus - conforme delinea o relato da experiência contida na perícopes *Os dois discípulos de Emaús* (Lc 24, 13-35) - traz também explícita a necessidade de todo cristão realizar o encontro transfigurador com a Pessoa do Cristo Ressuscitado.

Conclusão

A caminhada pascal, tracejada pelos dois discípulos de Emaús, converte-se, através da pena de Lucas, como o itinerário paradigmático do discipulado missionário. Aliás, por meio da atenta audição e exortação da Palavra, em

meios aos desafios e às dores cotidianas, e pelo compartilhar o Pão, ao mesmo tempo em que se comungam os anseios e os sofrimentos do próximo, é que o cristão, imbuído da alegria total e do ardor evangelizador, retorna e permanece na comunidade, partindo em missão, através do testemunho da ressurreição do Mestre.

Destarte, a narrativa lucana *Os dois discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35)*, além de atender a demanda da comunidade, é fundamental para assistir o cristão na tarefa hodierna: de resplandecer, na sociedade, o desígnio do Cristo. Porque, semelhante perícopo lucana, retrata, na crueza da realidade vigente, o salutar e transformador encontro com o Cristo - pela Palavra e no partir o Pão -, a partir do qual o cristão tem a sua existência transfigurada e o ardor missionário reacendido, junto à comunidade.

Referências

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000.
- ARMELLINI, Fernando. *Celebrando a palavra: Ano C São Lucas*. Tradução de Comercindo B. Dalla Costa. 6ª Ed., São Paulo: Ave-Maria, 2005.
- BARREIRO, Álvaro. *O itinerário da fé pascal: a experiência dos discípulos de Emaús e a nossa (Lc 24,13-35)*. São Paulo: Loyola, 2001.
- BETTENCOURT, Estevão. *Para entender os Evangelhos*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- BOCCALI, Giovanni e LANCELLOTTI Angelo. *Comentário ao Evangelho de Lucas*. Tradução de Antonio Angonese. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BORTOLINI, José. *Roteiros homiléticos: Anos A, B, C Festas e Solenidades*. 3ª ed., São Paulo: Paulus, 2007.
- DOBSON, John H. *Aprenda o grego do Novo Testamento*. Tradução de Lucian Benigno. Rio de Janeiro: CPDA, 1994.
- FONSATTI, José Carlos. *Introdução aos Evangelhos*. São Paulo: Vozes, 2004.
- HARRIGTON, Wilfrid John. *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a revelação*. Tradução de Josué Xavier e Alexandre Macyntre. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 1985.
- STORNILOLO, Ivo. *Como Ler o Evangelho de Lucas: Os pobres constroem a nova história*. São Paulo: Paulus, 1992.